



Rangel acha que o Governo deve usar o regime da concessão dos serviços em lugar da privatização

Banqueiro vê o redutor como um “assalto” ao trabalhador

A possibilidade de o Governo adotar um redutor salarial no bojo de medidas econômicas destinadas a conter a espiral inflacionária a partir do mês de setembro foi condenada, ontem, pelo presidente do Bamerindus, José Eduardo de Andrade Vieira, que classificou a hipótese como um novo assalto ao bolso do trabalhador.

Defensor da tese de que os empresários brasileiros necessitam, em regime de urgência, estabelecer uma efetiva aliança com a classe trabalhadora, o presidente do Bamerindus afirmou que a criação do redutor alargará ainda mais a distância existente entre as camadas dos mais ricos e dos mais pobres.

Redutor salarial

Convicto de que os empresários não podem deixar de assumir a defesa dos direitos dos trabalhadores, única saída, a seu ver, para o País superar a crise econômica e aumentar seus níveis de produtividade e de renda, José Eduardo de Andrade Vieira disse que o trabalhador brasileiro vem amargando, desde junho de 1987, os efeitos de um redutor salarial.

Afinal, a URP, ao reajustar os salários em níveis inferiores ao da inflação, já vem impondo pesadas perdas aos assalariados, e, assim, prejudicando de maneira sensível o poder aquisitivo, com reflexos diretos no aumento da produtividade.

Engajado em uma pregação nacional que o tem levado a proferir conferências semanais para empresários dos setores industrial, comercial e financeiro em todo o País, Andrade Vieira acredita que o Brasil está convivendo com a anacrônica e artificial idéia de que patrões e empregados são inimigos.

Hipertrofia

Liberal assumido, para o presidente do Bamerindus o verdadeiro inimigo das classes patronal e trabalhadora é o Estado hipertrofiado, que investe no populismo, no clientelismo e no cartorialismo, procurando por todos os meios, impedir que a classe política passe por uma reciclagem.

“A base efetiva para o avanço — garantiu —, é a empresa, em um ambiente de diálogo constante entre patrões e empregados objeti-

vando, ao mesmo tempo, o incremento do salário, da produtividade e do lucro”.

Demonstrando grande preocupação com a crise atual, o presidente do Bamerindus observou que nos últimos 20 anos o elo de confiança que existia nas relações entre o trabalho e o capital foi rompido, e que em função deste fato o empresariado tem de se antecipar às pressões dos sindicatos.

“Para recompor-se esse elo perdido em virtude, principalmente, da ação governamental no sentido de achatar os ganhos salariais e de elevar a carga tributária, só existe uma saída: recuperar a confiança perdida” — disse José Eduardo de Andrade Vieira.

Certo de que a natureza da crise brasileira é acima de tudo política, o presidente do Bamerindus ressaltou que, enquanto cabe aos empresários colocarem-se ao lado dos empregados, envolvendo-os nos objetivos da empresa, é obrigação do Estado investir em saúde e educação, fatores indispensáveis à qualidade de vida dos trabalhadores.